

# AS (RES)SIGNIFICAÇÕES DO OBELISCO NA PRAÇA CENTRAL DE PEABIRU, PARANÁ

DOI: 10.5935/2177-6644.20190027

THE (RE)SIGNIFICATIONS OF THE  
OBELISK AT THE CENTRAL  
SQUARE OF PEABIRU, PARANÁ

LAS (RE)SIGNIFICACIONES DEL  
OBELISCO EN LA PLAZA CENTRAL  
DE PEABIRU, PARANÁ

**Brandon Lopes dos Anjos\***

**Lara Pazinato Nascimento\*\***

**Caio Gabriel Nogueira\*\*\***

**Resumo:** Objetivamos analisar a história do Obelisco, estabelecido na Praça Eleutério Galdino de Andrade, em Peabiru, Paraná, com a finalidade de compreender os valores expressos por ele na percepção dos residentes do município. Os procedimentos metodológicos envolveram entrevistas com historiadores, geógrafos e munícipes antigos, aplicação de questionários com 157 estudantes de idade entre 14 e 17 anos, e consulta a notícias publicadas pelas principais mídias jornalísticas da região. Foi possível observar a utilização do Obelisco, na sua fundação, como meio de perpetuar o poder e a memória de seus criadores, sendo hoje visto como símbolo identitário da sociedade peabiruense. Os jovens que participaram da pesquisa, contudo, não sentem essa ligação com o monumento. Assim, observamos a necessidade de problematizar a história do Obelisco, para que determinados grupos não sejam excluídos em função de outros, e difundir os resultados entre a juventude, relacionando-os às suas experiências e vivências.

**Palavras-chave:** Monumento. Identidade. Memória. Peabiru.

**Abstract:** We aim to identify and analyze the history of the Obelisk, established in Eleutério Galdino de Andrade Square, in Peabiru, Paraná, in order to understand the values expressed by it in the perception of the residents of the municipality. The methodological procedures involved interviews with historians, geographers and longtime Peabiru residents, questionnaires with 157 students, between 14 and 17 years of age, and reading of news published by the main journalistic media of the region. It was possible to observe the use of the Obelisk, in its founding, as a means of perpetuating the power and memory of its creators, being today seen as an identity symbol of Peabiru society. The students that participated in this research, however, do not feel this connection with the monument. Thus, we observe the need to problematize the history of the Obelisk so that it does not exclude certain groups for others, and to disseminate the results among the youth, relating them to their experiences.

**Keywords:** Monument. Identity. Memory. Peabiru.

**Resúmen:** Nuestro objetivo es identificar y analizar la historia del Obelisco, establecido en Praça Eleutério Galdino de Andrade, en Peabiru, Paraná, con el propósito de entender los valores expresados por él en la

\* Graduando em História pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão. E-mail: brandon.njos@gmail.com.

\*\* Mestranda do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento (PPGSeD) da Universidade Estadual do Paraná (Unespar). E-mail: larapazinato@gmail.com.

\*\*\* Graduando em História pela Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR, campus de Campo Mourão. E-mail: caionogueiraferreira@gmail.com.

percepção de los residentes del municipio. Los procedimientos metodológicos incluyeron entrevistas con historiadores, geógrafos y antiguos residentes, cuestionarios con 157 estudiantes de edades comprendidas entre los 14 y los 17 años, y consultar las noticias publicadas por los principales medios periodísticos de la región. Fue posible observar el uso del Obelisco, en su fundación, como un medio para perpetuar el poder y la memoria de sus creadores, siendo visto hoy como un símbolo de identidad de la sociedad Peabiru. Sin embargo, los jóvenes que participaron en la encuesta no sienten esta conexión con el monumento. Por lo tanto, observamos la necesidad de problematizar la historia del Obelisco para que no excluya ciertos grupos para otros, y para difundir los resultados entre los jóvenes, relacionándolos con sus experiencias.

**Palabras-clave:** Monumento. Identidad. Memoria. Peabiru.

## Introdução

Localizado na Praça Eleutério Galdino de Andrade, no centro de Peabiru, Paraná, o Obelisco foi inaugurado em 1956, e é um dos marcos mais conhecidos do município, considerado um monumento “único na região da Comcam” (TRIBUNA DO INTERIOR, 2015). Levando em conta tais características da referida estrutura, este trabalho objetiva identificar e analisar as narrativas que constituem sua história, enfatizando os acontecimentos desta que, de alguma forma, assinalaram a memória coletiva da sociedade peabiruense, no intuito de compreender os valores expressos pelo monumento desde a sua fundação até os dias atuais. Assim, buscamos contribuir para a produção de material acerca do Obelisco, contemplando as transformações por ele passadas e aumentando a compreensão sobre as (res)significações que a estrutura possui no presente para os municípios.

O Obelisco é um monólito de concreto, revestido de placas de granito, com quase dez metros de altura, de base quadrangular, que se alonga e afunila, até formar uma pirâmide em sua ponta (Imagem 1). Possui em sua base cinco placas de bronze: a primeira registra uma homenagem do prefeito Silvino Lopes à “laboriosa população de Peabiru”; a segunda apresenta um poema homenageando o município, “esta jóia encravada no oeste do Paraná”, e alguns nomes de destaque, como os governadores Interventor Manoel Ribas<sup>1</sup> e Bento Munhoz da Rocha Neto<sup>2</sup>, e os engenheiros Sady Silva e Antônio Batista Ribas<sup>3</sup>; a terceira menciona a data de criação do município – 14 de dezembro de 1951 – e de sua instalação – 14 de dezembro de 1952 –, viabilizada pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto, bem como especifica a composição da

<sup>1</sup> Manoel Ribas governou o Estado do Paraná entre os anos de 1932 a 1945, como interventor (1932-1934 e 1937-1945) e governador (1935-1937).

<sup>2</sup> Bento Munhoz da Rocha Neto foi governador do Estado do Paraná a partir de 1951, permanecendo no cargo até 1955, quando renunciou ao mandato para concorrer à vice-presidência da República.

<sup>3</sup> Sady Silva e Antônio Batista Ribas foram engenheiros responsáveis pelo planejamento urbano de Peabiru.

primeira legislatura da Câmara Municipal de Peabiru e a fundação de sua comarca, em 31 de maio de 1954; a quarta registra a inauguração do Jardim Visconde de Guarapuava, nome que foi alterado em 1977 pelo prefeito Jorge da Silva Pinto<sup>4</sup> para Praça Eleutério Galdino de Andrade<sup>5</sup>, acontecimento indicado pela quinta placa do monumento.

Imagem 1: Obelisco e suas placas de bronze.



Fonte: Acervo pessoal (2018).

O termo monumento, segundo Le Goff (2006, p. 535), vem do latim *monumentum*, do verbo *monere*, que significa, “fazer lembrar”, caracterizando “um sinal do passado”. É tudo aquilo “que for edificado por uma comunidade de indivíduos para rememorar ou fazer que outras gerações de pessoas rememorem acontecimentos, sacrifícios, ritos ou crenças” (CHOAY, 2006, p. 18), com o objetivo de formar e preservar a identidade da sociedade em questão. Desde a Antiguidade, é comum a criação de monumentos para expressar vitórias e conquistas bélicas, homenagens a homens e mulheres de destaque, expansões territoriais, pontos de referência, entre outras funções, que procuram projetar acontecimentos passados, mas também pretendem exprimir e modelar a memória das civilizações (RAMOS, 2017).

<sup>4</sup> Jorge da Silva Pinto foi o sétimo prefeito de Peabiru, entre os anos de 1977 e 1982.

<sup>5</sup> Eleutério Galdino de Andrade foi o segundo prefeito de Peabiru, exercendo seu primeiro mandato entre 1956 e 1960 e, o segundo, entre 1965 e 1969.

Este papel do monumento foi perdendo gradativamente a importância nas sociedades ocidentais, que passaram a atribuir valor arqueológico e estético ao objeto, principalmente a partir do século XVII, quando o termo passou a denotar “o poder, a grandeza, a beleza: cabe-lhe, explicitamente, afirmar os grandes desígnios públicos, promover estilos, falar a sensibilidade estética” (CHOAY, 2006, p. 19). Tal mudança de significado teve como um de seus fatores o destaque recebido pela arte desde o Renascimento, compreendendo a construção pela sua estética e técnica de edificação, e não pela memória a que remete. Além disso, podemos citar a invenção da tipografia, que passou a atuar como uma memória artificial, registrando os acontecimentos de forma que fosse desnecessário lembrá-los a todo momento, o que transferiu a função de “portador da memória” do monumento para a escrita (CHOAY, 2006). Ainda, no século XIX, surgiu a preocupação de preservar monumentos que representassem a história dos Estados-nação, no intuito de solidificar um sentimento de identidade nacional, garantindo “a manutenção de bens que simbolizavam a força de instituições vigentes e dos grupos favorecidos, consagrando relações de poder” (NAGABE, 2012).

A mudança de tratamento dos monumentos contribuiu para o status de documento que esses bens culturais assumiram, a partir do século XX, mediante os critérios de seleção e da formação de conjuntos expositivos, constituindo “discursos de memória” (OLIVEIRA, 2012). Com isso, despontou o conceito de “monumento histórico”: objetos escolhidos *a posteriori* por poderes governamentais ou por historiadores e que se inserem “em um lugar imutável e definitivo num conjunto objetivado e fixado pelo saber” (CHOAY, 2006, p. 27), levando à necessidade de preservar esses patrimônios. Em 1931, foi realizado o I Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em que foi escrita a carta patrimonial de Atenas, determinando os critérios de preservação dos monumentos históricos e a recomendação que “se mantenha uma utilização dos monumentos, que assegure uma continuidade de sua vida, destinando-os sempre a finalidades que seu caráter histórico ou artístico” (IPHAN, 2015a). Porém, somente países europeus participaram do evento, quadro que mudou no II Congresso, realizado em Veneza, no ano de 1964, em que participaram Tunísia, México e Peru, e mais ainda em 1979, com 80 países assinando a Convenção do Patrimônio Mundial. Com isso, os bens patrimoniais passaram por uma expansão tripla: tipológica, com os novos objetos que são incluídos ao seu campo; cronológica, não mais

limitados somente a edifícios de criação anterior ao século XIX; e geográfica, deslocando-se do continente europeu para os demais países (CHOAY, 2006).

No Brasil, até a primeira metade do século XX, os critérios de seleção de patrimônio histórico e artístico ainda eram pautados nos “fatos ditos excepcionais e personagens ilustres” (MARTINS, 2017), como demonstra o Decreto-lei nº 25, de 1937, que impõe, como método para seleção de patrimônio a ser preservado, que “seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico” (IPHAN, 2015b). Martins (2017, p. 291) pondera que “nessa etapa inicial, o monumento arquitetônico e a documentação impressa oficial figuraram como fontes quase exclusivas de nosso patrimônio cultural”.

As novas realidades que despontaram no fim da década de 1960, marcada por revoltas, contestações, ditaduras, violações dos direitos humanos e reivindicações dos movimentos feministas, apontaram para a necessidade de patrimônios que representassem a diversidade de identidades que ganhavam espaço. Na década de 1980, houve a indispensabilidade de expandir o campo do patrimônio, englobando “sinais e ruídos de histórias silenciadas, minorias emudecidas, espaços de trabalho alijados, cultos religiosos ignorados, práticas sociais em extinção” (MARTINS, 2017, p. 292), o que diversificou os objetos, ampliando o conceito de “patrimônio histórico e artístico” para “patrimônio cultural”. O artigo 216 da Constituição Federal de 1988 declara que “constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988), produzindo um “consenso em favor de sua conservação e de sua proteção, que são oficialmente defendidos em nome dos valores científicos, estéticos, memoriais, sociais e urbanos, representados por esse patrimônio nas sociedades” (CHOAY, 2006, p. 17). Com isso, o patrimônio cultural passou a ser uma representação da pluralidade de identidades que constituem a sociedade brasileira.

Essas identidades podem ser definidas como “a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros” (POLLAK, 1992, p. 204). Por meio dessa perspectiva, é possível perceber que os monumentos, que são subjetivos,

trazem em si a imagem e os valores que as sociedades que os fundaram desejam passar para a posteridade, como identidades próprias. Assim, identidade e memória estão profundamente ligadas, pois são as lembranças, perpetuadas pelo monumento, que formam as bases para respondermos as perguntas sobre nossa origem, o que fazemos aqui, o porquê de determinadas atitudes acontecerem, entre outras, que dizem quem somos (CUNHA; RAMIRO, 2018).

Desta forma, a memória consiste em “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). As memórias particulares são formadas mediante o contato dos indivíduos com os diversos contextos sociais dos quais são integrantes. Para que determinada lembrança seja resgatada, não basta testemunhos materiais e sensíveis, sendo indispensável que o sujeito faça parte de um grupo estabelecido no qual se identifica, com pensamentos em comum em determinados aspectos, permanecendo em familiaridade com ele (HALBWACHS, 2013). Com isso “a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social” (SILVA, 2016, p. 247). Por fim, a memória se ressignifica, não está fixa no passado, mas é capaz de se transformar, no presente, de acordo com as relações sociais e o vínculo que o sujeito possui com o meio no qual está inserido (CUNHA; RAMIRO, 2018). Com essas mudanças, novos valores são produzidos, alterando a imagem do monumento e do corpo social no qual faz parte.

A partir dessas compreensões, para o desenvolvimento da pesquisa, realizamos observação *in loco* do monumento, onde o fotografamos, buscando registrar seu estado de conservação e sua disposição na praça, e examinamos suas placas, procurando registros que fossem atinentes ao trabalho e possíveis nomes para realizarmos entrevistas. Reunimos documentação escrita e fotográfica, além de notícias vinculadas ao Jornal Tribuna do Interior, Folha de Londrina e a mídia *online* Boca Santa, veículos informativos da região. Foram realizadas entrevistas com historiadores, geógrafos e moradores de longa data do município de Peabiru, cujos resultados foram comparados aos de 157 questionários aplicados a alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Olavo Bilac. Por meio da análise do material obtido, buscamos pensar e problematizar a história do Obelisco e, com isso, compreender os valores por ele transmitidos.

Este artigo se apresenta relevante diante da importância que o Obelisco possui como portador da memória histórica e cultural de Peabiru. Seus valores e intencionalidades se ressignificam, de acordo com a época e as relações sociais do meio. No entanto, embora o monumento passe por essas ressignificações e não expresse, necessariamente, o mesmo sentido de seis décadas atrás aos moradores, seu caráter de símbolo peabiruense continua vigente em grande parte dentro da comunidade. Desse modo, objetivamos compreender os valores expressos pelo monumento e suas (res)significações, através da identificação e análise de sua história, contribuindo para a produção histórica a respeito do objeto e do município.

### **Percepções dos moradores sobre o Obelisco na história**

Pouco foi pesquisado e publicado sobre a história do Obelisco, talvez pelo fato de não existirem documentos escritos relacionados a ele em abundância, sendo a maior fonte de informação disponível sobre este monumento vinda da oralidade e de fotos, além das placas comemorativas postas em sua base. Os habitantes ainda vivos que presenciaram a construção são escassos, o que gerou uma grande perda para a historiografia não só de nosso objeto, mas também do município de Peabiru. Para suprir essa necessidade, selecionamos para entrevistas alguns moradores que presenciaram a construção do Obelisco ou migraram para o município em época próxima à década de 1950, além de historiadores e geógrafos da região, no intuito de reconstruir, por meio das diversas representações<sup>6</sup> apresentadas nos relatos, as histórias sobre o monumento. Após análise do material coletado nas entrevistas, dividimos seu conteúdo em cinco tópicos temáticos, apontando suas contraposições aparentes, de modo a enriquecer o trabalho.

### **A origem maçônica do Obelisco**

A primeira história do Obelisco que coletamos vincula a origem do Obelisco à Maçonaria. Segundo Márcio Pimentel<sup>7</sup> (2018) e Maria de Lourdes Pimentel<sup>8</sup> (2018), o

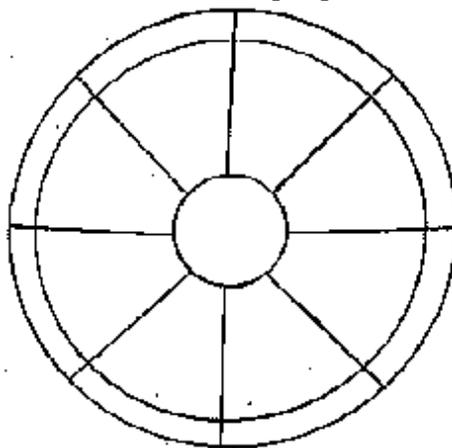
---

<sup>6</sup> O conceito de representação, segundo Roger Chartier, “produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira de estar no mundo” (2002, p. 23). A representação é o modo como os indivíduos, grupos ou sociedades expressam, imaterial ou materialmente, uma forma particular de interpretar algum aspecto das circunstâncias nas quais estão inseridos.

<sup>7</sup> Márcio Pimentel nasceu em Peabiru em 1975, onde habita desde então. É formado em Teologia e, atualmente, atua como músico (tecladista) em eventos da região.

símbolo vem de uma lenda egípcia, sendo incorporado à cidade, em 1956, pela maçonaria. O casal relatou que o monumento está ligado ao mito de Osíris, que teve seu corpo partido em 14 pedaços, sendo estes espalhados pelo Egito por seu irmão, Set. Ísis, esposa do deus esquartejado, saiu em busca dos fragmentos para realizar um enterro digno, porém não encontrou a última parte, o pênis. Para substituí-lo, a deusa criou um obelisco, que posteriormente passou a ser adorado como símbolo de fertilidade, não só no Egito, mas também no Oriente Médio, com diversas referências na Bíblia, relacionadas aos postes de Baal e de Aserá. Sobre isso, Márcio Pimentel (2018) argumenta: “tanto é que esse símbolo, eles colocavam dentro de um círculo, com oito raios, simbolizando os oito olhos dele, ou os raios de sol”. O símbolo ao qual o entrevistado se refere (Figura 1), pode ser observado na praça de Peabiru (Figura 2) e na Praça de São Pedro, no Vaticano (Figura 3). Uma possível interpretação alternativa para tal ocorrência seria que, ao construir a praça, seu arquiteto teria se inspirado no modelo da praça católica.

Figura 1: Roda de oito etapas para iluminação



Fonte: Blog Cristianismo Aberto (2018).

---

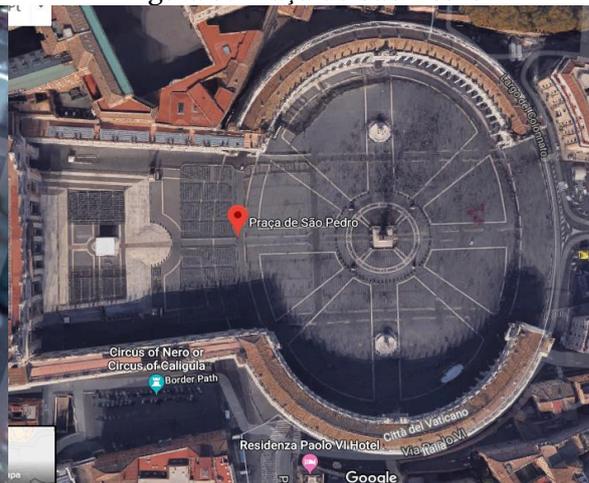
<sup>8</sup> Maria de Lourdes Alves Bassi Pimentel nasceu em Peabiru, em 1969. É geógrafa, com especialização em Planejamento Geo-ambiental, e atua como professora no Colégio Estadual Olavo Bilac, instalado no mesmo município.

Figura 2: Praça Central de Peabiru



Fonte: Google Maps (2018).

Figura 3: Praça de São Pedro



Fonte: Google Maps (2018).

Maria de Lourdes Pimentel (2018) pondera que “a maçonaria aqui é muito forte, ela já fez 60 anos [...] ao mesmo tempo que ele [o Obelisco] tem uma mística religiosa, ele tem também uma mística totalmente fora da cristandade”. Ela nos conta que os antigos moradores tinham medo de passar pelo centro da praça, pois perdiam a noção de direção. Por fim, argumenta “por que lá no passado alguém [iria] pensar ‘por que construir um obelisco? Por que oito raios? Por que dentro de um círculo?, né?”, e conclui com ressalva: “não existe a comprovação, mas também não existe o descarte, né?”.

Enfim, não foi possível confirmar tal teoria, devido ao caráter discreto que a ordem maçônica possui. No entanto, embora a narrativa seja de difícil comprovação, sua relevância social não é comprometida. Essas narrativas, que podem ser caracterizadas como “tradições inventadas”, e “visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado” (HOBSBAWM, 2008, p. 9), indicam as significações, crenças e relações de poder das sociedades de onde são provenientes. Deste modo, estes relatos podem possuir importantes significados e reverberações históricas e sociais.

### Narrativa difundida oficialmente

A colonização de Peabiru começou no início do século XX, mas alcançou seu ápice na década de 1940, quando as queimadas e derrubadas passaram a ser realizadas

em grande escala. Houve grande procura por lotes de terra na região, devido à qualidade do solo (latossolo roxo), além dos ótimos preços das propriedades (SANTOS et al, 2002). Segundo o professor Luiz Bassi<sup>9</sup> (2018), em entrevista concedida a esta pesquisa, “Peabiru [...] era o maior município do Paraná... Umuarama, Cruzeiro do Oeste, Terra Boa, Cianorte, Barbosa Ferraz, Engenheiro Beltrão [...] tudo eles pertenciam aqui”. Devido à fertilidade do solo, propício ao plantio de café, o entrevistado Arléto Rocha<sup>10</sup> (2018) conta que “Peabiru era o ‘Eldorado’ [...] na década de 50, as pessoas se aportavam vindo do interior de São Paulo, iam até Londrina, e em Londrina falavam ‘vai lá em Peabiru que lá é terra de progresso’”, o que levou a cidade a ter, aproximadamente, de 37.500 habitantes, como afirma Espedito Ferreira<sup>11</sup> (2018). Edio Bassi<sup>12</sup> (2018), que está em Peabiru desde a década de sua fundação, comenta que “Peabiru era próspero, lugar de referência, melhor que Campo Mourão [...] era a cidade da vez”.

Diante deste vasto território, após a emancipação do município em 14 de dezembro de 1952, Silvino Lopes de Oliveira<sup>13</sup> projetou a construção do Obelisco, inspirado no monumento homônimo inaugurado em 1953, em Curitiba. O historiador Jair Elias Santos Junior<sup>14</sup> (2018), em entrevista, conta que havia uma “ligação muito íntima” entre o governador Bento Munhoz da Rocha Neto e o prefeito de Peabiru, de forma que este, “vendo a construção do obelisco lá no centro cívico, [...] se inspirou em fazer um obelisco também em Peabiru”, já que a cidade possuía “uma simpatia muito

<sup>9</sup> Luiz Bassi, conhecido como “Professor Luizinho”, nasceu em 1941, se estabelecendo em Peabiru na década de 1950. Foi secretário geral de três prefeitos: Lary Razzolini (1969-1973), Jorge da Silva Pinto (1977-1982) e João de Bitencourt (1997-2000). Ganhou destaque no município como narrador de jogos de futebol e avisos diários no autofalante da Igreja Católica. Além disso, foi professor de Matemática entre 1965 e 1995, e coautor de dois livros sobre a história de Peabiru: “História de Famílias de Peabiru – PR” (2012) e “O cara da rua: histórias das ruas, praças e outros logradouros públicos de Peabiru – PR” (2012). Faleceu em julho de 2019, com 77 anos.

<sup>10</sup> Arléto Rocha nasceu em 1974, filho de Elvino Pereira da Rocha, considerado um dos pioneiros de Peabiru. Possui graduação em História e em Geografia. É mestre em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Atualmente, é diretor da divisão de cultura do município de Peabiru, além de poeta e escritor. É conhecido pelos projetos desenvolvidos, principalmente relacionados ao turismo, com os Caminhos de Peabiru.

<sup>11</sup> Espedito Ferreira é o autor do Hino ao município de Peabiru. Foi professor de História no Colégio Estadual Olavo Bilac e membro do primeiro conjunto musical de Peabiru, “Os Magnos”.

<sup>12</sup> Edio Bassi é morador de Peabiru desde a década de sua fundação, chegando com sua família, ainda criança, em 1951.

<sup>13</sup> Silvino Lopes de Oliveira foi o primeiro prefeito de Peabiru, exercendo mandato entre 1952 e 1956. Em 2016, recebeu, *post-mortem*, a “Ordem do Mérito Caminhos de Peabiru”, a mais alta condecoração municipal, em comemoração ao centenário de seu nascimento. Faleceu em 2002.

<sup>14</sup> Jair Elias Santos Junior é graduado em História, autor de diversos livros sobre a história do município de Campo Mourão. Foi diretor da divisão de cultura em Peabiru entre 2015 e 2016. É membro do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná, com sede em Curitiba (PR), e da Academia Mourãoense de Letras, em Campo Mourão (PR).

grande por parte do Bento”. O granito, material que reveste ambos os monumentos, segundo Santos Junior (2018) “são pedras características de Curitiba [...] porque aquele estilo de pedra predomina bastante na região”. Testemunha da construção, Edio Bassi (2018) diz que “ele chegou num caminhãozinho, ele chegou desmontado, né? Em blocos... e esse caminhãozinho era da marca [...] Nash”.

Ainda, somente os nomes das autoridades são registrados, silenciando a participação histórica de outros sujeitos que, de alguma forma contribuíram para sua criação. Se por um lado sabemos quem foram os engenheiros que projetaram o município, não sabemos quem foram os homens e mulheres que assentaram cada tijolo. Nenhum dos entrevistados soube apontar quem foram os trabalhadores que levantaram o Obelisco e montaram os blocos que chegaram naquele caminhãozinho. O monumento, em sua criação, apresenta uma história específica do município: a das elites.

Nas entrevistas, observamos que alguns atribuem a construção do monumento ao segundo prefeito da cidade, Eleutério Galdino de Andrade, fato esse destacado pelo jornal Tribuna do Interior, em reportagem publicada em 26 de julho de 2015. Porém, a menor placa de bronze da estrutura contradiz tal hipótese, com a frase “À laboriosa população de Peabiru sincera (sic) homenagem de Silvino Lopes de Oliveira”, apontando para o real fundador, além de fotos que apresentam a inauguração do monumento (Imagem 2). Santos Junior (2018) alega que, após assumir o cargo, Eleutério, que era da oposição, planejou e construiu a praça, em 14 de dezembro de 1957, colocando no Obelisco uma placa maior, o que pode explicar a confusão dos relatos.

Imagem 2: Silvino Lopes de Oliveira junto ao Obelisco



Fonte: Acervo do Museu Municipal Caminhos de Peabiru (2018).

Com isso, percebemos que o Obelisco, em sua fundação, buscou expressar o vínculo entre a Peabiru em ascensão e a capital paranaense, Curitiba, ambicionando perpetuar os nomes dos administradores do município, por meio da imponência do objeto e de suas placas de bronze. Eleutério colocou uma placa maior com seu nome, que aponta para a inauguração da praça, indica como o monumento pode ser instrumentalizado como um símbolo de poder, que expressa a autoridade e o controle daqueles que foram capazes de construí-lo. Seja Silvino ou Eleutério, os nomes estão gravados na memória da população peabiruense como os responsáveis pela construção do Obelisco. Assim, inferimos que a construção do monumento, na década de 1950, tem relação com o desejo de criar um símbolo que imortalizasse seus idealizadores, seja por meio de sua imponência, com quase dez metros, ou mediante a fixação das placas de bronze, que celebrava os nomes das autoridades políticas da época, enquanto destinava ao limbo os nomes de outros agentes participantes nesse processo histórico.

### **O Obelisco na vivência dos peabiruenses: a televisão na praça**

Na década de 1970, aconteciam reuniões na praça que concentravam grande parte da população peabiruense, história que aparece na maioria das entrevistas. Foi instalado na praça um ou dois (a depender do relato) televisores, que transmitiam a programação gratuitamente para a população. Edio Bassi (2018) nos conta que “passava a novela [...] Irmãos Coragem e a Copa de 70. Então, era uma febre aquilo ali, rapaz, vivia cheio de gente [...] vinha caminhão do sítio para assistir a Copa na praça”. Quem ligava o(s) aparelhos(s) era Orlando Bassi, funcionário público, pai de Luiz Bassi, entrevistado para esta pesquisa. Houve divergência entre os entrevistados quanto à posição dos monitores: Ferreira (2018) afirma que foram penduradas duas televisões no próprio Obelisco, Pimentel (2018) nos diz ter sido instalado o aparelho em volta do monumento, no meio da praça, e Manoel Costa<sup>15</sup> (2018) conta: “eu cheguei a ver uma TV no canto da praça, e essa TV, ela tinha [...] propaganda das lojas da cidade”.

Por fim, em 1977, a praça teve seu nome alterado de Visconde de Guarapuava para Eleutério Galdino de Andrade, numa homenagem ao seu fundador, como nos conta

---

<sup>15</sup> Manoel Costa é professor de História e diretor do Colégio Estadual Olavo Bilac, em Peabiru. Habita o município desde 1966, ano em que nasceu.

Luiz Bassi (2018), contemporâneo do homenageado: “conheci muito o Eleutério e acho justo”. Desses eventos é importante destacar como a praça central se configurou como local de reunião da população, com o Obelisco servindo de ponto de referência, presente em um momento que marcou o imaginário da população. Como ponto central dessas festas, o monumento está presente na memória coletiva dos cidadãos, participando de sua história e identidade.

### **O vínculo afetivo dos moradores com o monumento: a revolta de 2003**

O Obelisco passou por duas pinturas de restauração, como aponta Ferreira (2018): em 1993, com a cor creme (Imagem 3) e, em 2003, verde (Imagem 4). A primeira não gerou polêmicas, já que a ação não alterou, significativamente, a aparência do monumento. Contudo, a segunda levantou discussões na câmara dos vereadores (SAUER, 2003), além de repercutir nos principais meios de comunicação da região, entre eles o Jornal Folha de Londrina e a mídia *online* Boca Santa. Manoel Costa (2018) expressa sobre o tema: “eu achei um desrespeito, ninguém tem o direito de ir lá pintar da cor do seu time”, o que foi também ironizado por Sexugi<sup>16</sup> (2008) no *blog* “El Peabiruta”: “Tenho pra mim que o prefeito Eleutério Galdino de Andrade [...] só pode ter sido palmeirense. Digo isso porque o jardim central da cidade, volta e meia, faz alusão ao time alviverde: em 2003, o obelisco foi pintado de verde!”. Na época, o secretário geral da prefeitura, Sérgio Izelli, rebateu as críticas, afirmando que “o obelisco estava encardido e passava despercebido, mas chamou a atenção com a pintura nova. Algumas pessoas gostaram, outras não”, e justificou a cor verde como sendo a predominante na bandeira do município (SAUER, 2003a).

---

<sup>16</sup> Fábio Alexandre Sexugi é mestre em Sociedade e Desenvolvimento pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). Foi secretário municipal de Educação em Peabiru entre 2013 e 2015 e, atualmente, é vereador no mesmo município, exercendo mandato entre 2017 e 2020.

Imagem 3: Obelisco pintado em 1993



Fonte: Acervo de Espedito Ferreira (2018).

Imagem 4: Obelisco pintado em 2003



Fonte: Mídia Boca Santa (2018).

Essas manifestações de indignação podem indicar um apreço da população pelo monumento. Quando o vereador Wilson de Carvalho<sup>17</sup> diz que “vamos passar vergonha na festa de agosto” (SAUER, 2003b) por causa da cor verde, é possível relacionar à concepção de que o Obelisco não é só um objeto decorativo que foi pintado, mas parte da identidade peabiruense e, devido a isso, gerou a comoção expressa nas entrevistas. Santos Junior (2018) pondera: “uma coisa que me chamou bastante atenção nesse monumento é que a população tem uma afeição muito grande por ele [...] Acaba sendo um símbolo deles com referência à cidade”. Como consequência da indignação da população, pouco tempo depois a pintura foi removida.

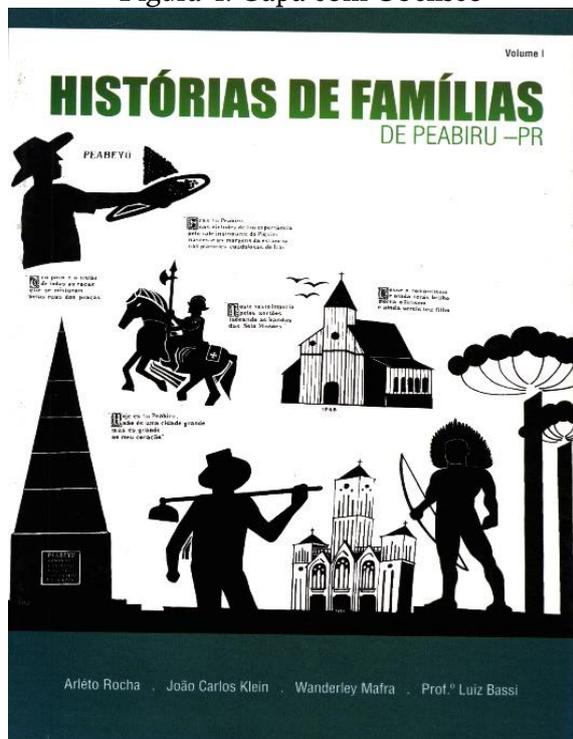
### **O Obelisco enquanto símbolo da identidade peabiruense**

Mesmo hoje, o Obelisco continua a expressar valores na sociedade peabiruense, perceptível por meio das entrevistas, nas quais os discursos o apontam como “um marco de referência de identidade” (PIMENTEL M., 2018) que faz parte da cidade, e consequentemente da população: “ele representa a nossa identidade sim, ele é um marco para a nossa cidade” (COSTA, 2018). Essa percepção é visível em duas das obras

<sup>17</sup> Wilson de Carvalho foi vereador de Peabiru por oito mandatos: 1973-1976, 1983-1988, 1989-1992, 1993-1996, 1997-2000, 2001-2004, 2005-2008 e 2013-2016.

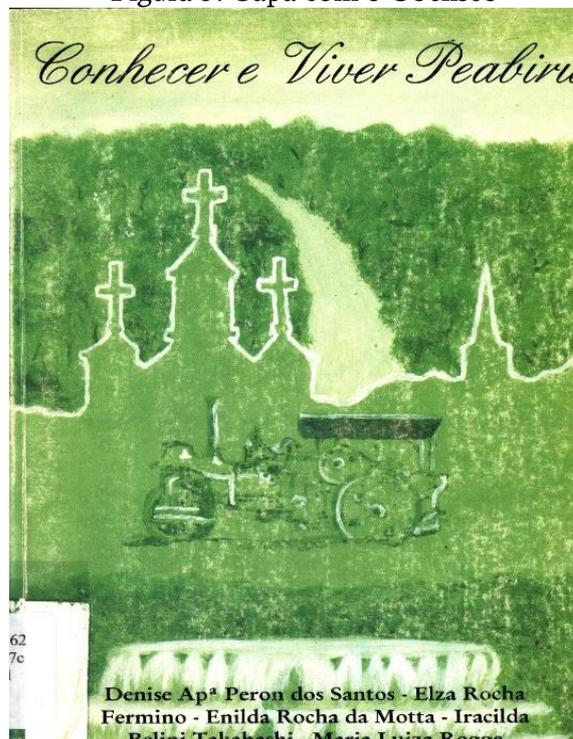
publicadas sobre a história de Peabiru (Figuras 4 e 5), nas quais o objeto aparece junto a outros elementos identitários do município, reforçando a imagem que o monumento passa à população. Arléto Rocha (2018) observa que “os monumentos marcam a identidade da pessoa [...] são a nossa identidade [...] tanto que, no símbolo, a gente tenta colocar a Maria Fumaça, a Igreja, o Obelisco”.

Figura 4: Capa com Obelisco



Fonte: Livro Histórias de Famílias (2012).

Figura 5: Capa com o Obelisco



Fonte: Livro Conhecer e viver Peabiru (2002).

Talvez essa afeição ao monumento não seja nitidamente perceptível nos habitantes do município, já que o objeto faz parte de seu cotidiano sempre presente, o que pode ter gerado uma naturalização da e na paisagem urbana. Contudo, quando há eventos na cidade frequentados por indivíduos de outras localidades que já viveram em Peabiru, bem como atuais moradores, é comum vê-los tirar fotos junto à estrutura (Imagem 5). Sobre isso, Costa (2018) diz que “até as pessoas, assim, mais antigas e que já não moram mais aqui em Peabiru, e às vezes eles vêm aqui [...] esse pessoal se reúne em torno do Obelisco e tira foto”.

Imagem 5: Turistas e moradores em frente ao Obelisco



Fonte: Acervo pessoal (2018).

Além de um símbolo identitário, Ferreira (2018) destaca o monumento como uma forma de representação da manutenção de poder, desde os cargos simples aos de prestígio elevado. O historiador explica que “o espírito de manutenção, de se manter no cargo, ele vem até hoje, e isso é um espírito ditatorial, é um espírito até absolutista [...] eu acho que até certo ponto a grande maioria tem esse pensamento”. Quando questionado se tal afirmação representa a sociedade atual, ele explica que a maioria das pessoas querem a manutenção de seus cargos: “tem a ver conosco? Lá no fundo tem, né? [...] o Obelisco, a igreja, a prefeitura, a praça, tem tudo a ver conosco sim, e se você não assume, é igual ao filho que não assume o pai, não assume a mãe”. Assim, o monumento não é um símbolo de poder apenas de seus criadores na década de 1950, mas também dos peabiruenses que o adotam como elemento identitário.

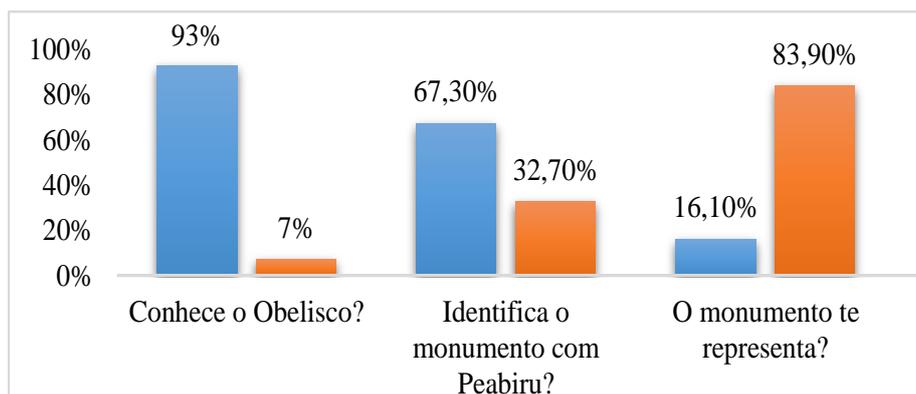
Diante das entrevistas concedidas, percebemos que os valores do Obelisco se modificam no decorrer de sua duração, seja como atributo de ascensão do município, objeto identitário ou símbolo de manutenção de poder, expressando convicções sociais de acordo com a época analisada, não configurando algo estático, inerte. Mesmo que possa parecer que o monumento não possua grande importância para os munícipes, intrinsecamente faz parte da identidade e da história peabiruense, constituindo relações de afeição, perceptíveis na população que não habita mais Peabiru ou quando o objeto é posto em desvantagem.

## O Obelisco para os jovens peabiruenses

Como observado no tópico anterior, para os entrevistados, o Obelisco é um símbolo identitário da sociedade peabiruense, característica alcançada no decorrer dos anos, conforme o objeto se encontrava inserido na rotina e em celebrações e momentos importantes para os munícipes. Com o objetivo de perceber se houve ruptura ou continuidade nesses valores na posterior geração, aplicamos 157 questionários no Colégio Estadual Olavo Bilac, com foco nos alunos do Ensino Médio, de idade entre 14 e 17 anos, que não participaram de nenhum dos eventos históricos narrados nos tópicos anteriores.

Três interrogações nortearam a primeira frente do questionário: “identifica o monumento com Peabiru?”; “o monumento te representa?”; “gosta de Peabiru?”. No Gráfico 1, observamos que 67,3% dos alunos associam o monumento à imagem do município, o que demonstra a continuidade da característica de objeto identitário. Porém, 83,9% não se identificam com o mesmo, talvez devido à idade dos jovens, que não participaram dos acontecimentos relacionados ao objeto e possivelmente não se sentem conectados às lembranças dos mais velhos, já que, para que o indivíduo seja capaz de evocar memórias, é preciso que possua um sentimento de pertencimento ao grupo a elas vinculado. Diante da inexistência dessa relação identitária e afetiva, que depende da repetição e conservação de relatos orais e escritos, rituais e demais elementos da tradição em questão para ter continuidade, as memórias se perdem e não são passadas de forma a criar raízes nas gerações seguintes (RIVERA, 2010; HALBWACHS, 2013; HALBWACHS, 2014). Deste modo, o desconhecimento da história do Obelisco pode ser considerado um dos principais fatores para essa porcentagem, já que os mancebos não parecem associá-lo à sua memória, além dos 24,2% que afirmam não gostar de Peabiru e, portanto, não se sentem representados pelo monumento.

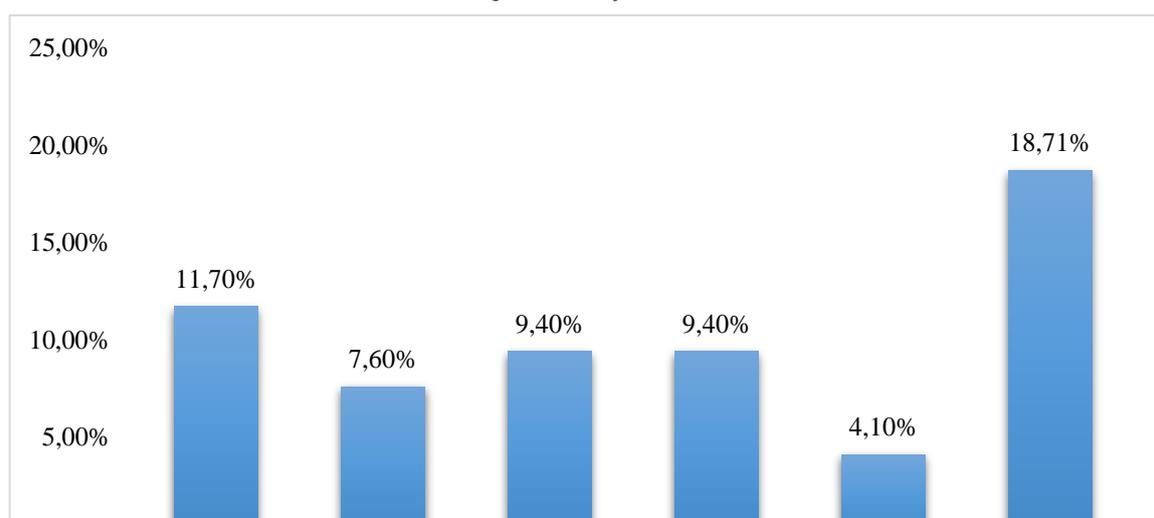
Gráfico 1: Resultados das questões objetivas



Fonte: Dados da pesquisa.

Com as questões dissertativas, buscamos compreender o que os alunos enxergam como a função do Obelisco (Gráfico 2), e quais outros monumentos expressam a identidade peabiruense, de acordo com as experiências dos adolescentes. Observamos que 22,8% dos jovens desconhecem a aplicabilidade do objeto, e 16,4% não responderam à pergunta, totalizando 39,2% dos estudantes, o que pode indicar a falta de interesse expressa pela nova geração, que não vê na construção alguma importância para sua vida, como também aponta para uma lacuna no ensino da história do município, que poderia abranger o monumento e associá-lo à vivência dos alunos. Os resultados mostraram ainda que 7,6% dos estudantes enxergam o Obelisco como símbolo da cidade, 11,7% o veem como um marco central do município, e 9,4% como objeto decorativo. As respostas que continham porcentagem quase inexpressiva foram unidas na categoria “outros”, configurando 18,7%, com funções como “afastar a tempestade”, “assistir TV antigamente”, “relógio de sol”, dentre outros.

Gráfico 2: Qual a função do Obelisco?



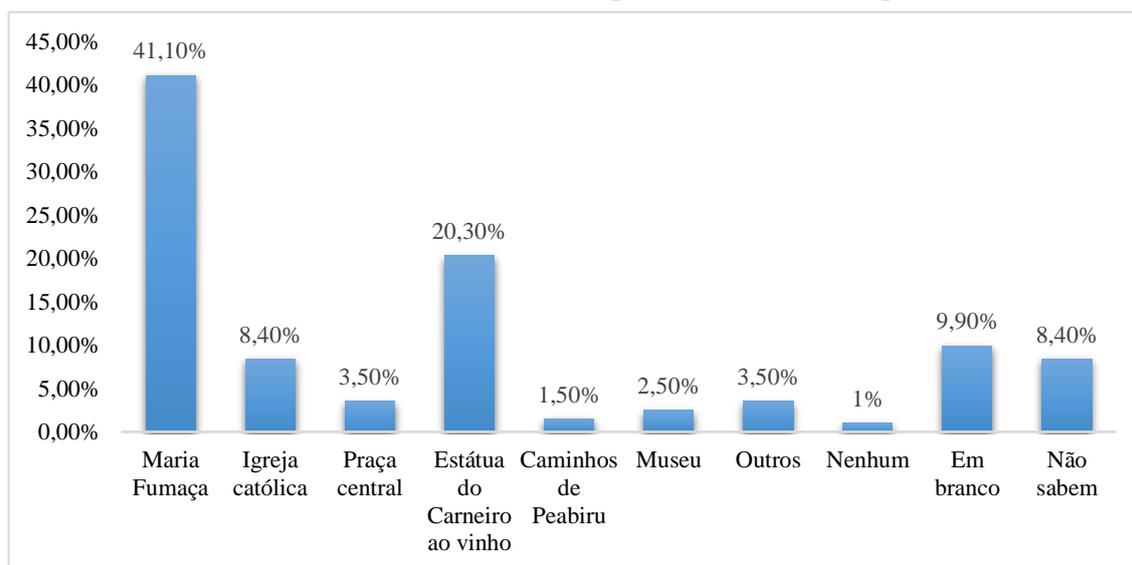
Fonte: Dados da pesquisa.

Nas respostas relacionadas a outros monumentos que expressassem a identidade peabiruense (Gráfico 3), 41,1% dos estudantes indicaram a “Maria Fumaça”<sup>18</sup>, objeto que “se tornou cartão postal da cidade” (ASSESSORIA, 2016). Logo em seguida, 20,3% refere-se à estátua do Carneiro ao Vinho, prato típico do município, e 8,4% apontam a Igreja Católica Matriz. Por fim, 1,5% apontam os Caminhos de Peabiru<sup>19</sup>, rota turística histórico-cultural que ganhou destaque no município através do trabalho do atual Diretor de Cultura, Arléto Rocha, que busca conscientizar a população de suas raízes indígenas por meio de diversas atividades, como trilhas, apresentações culturais, palestras, entre outras.

<sup>18</sup> Rolo compressor à vapor utilizado nas primeiras pavimentações asfálticas da cidade, hoje instalado próximo à Rodovia Avelino Piacentini (PR-317).

<sup>19</sup> Os Caminhos de Peabiru consistem em uma rota transcontinental pré-colombiana, criada por povos indígenas para alcançar a “Terra sem Males” e, também, intercâmbio comercial. Hoje, é utilizada como rota de turismo no município de Peabiru.

Gráfico 3: Quais outros monumentos expressam a identidade peabiruense?



Fonte: Dados da pesquisa.

A partir dos dados coletados com os questionários, consideramos que a imagem do Obelisco está diretamente ligada a Peabiru, mas a nova geração não se vê representada pelo objeto. Essa falta de afinidade pode ser identificada na diversidade de respostas relacionadas à sua função, com um número considerável de estudantes que afirmaram desconhecer sua aplicabilidade ou não responderam. A “Maria Fumaça”, monumento que aparenta estar legitimado na memória dos habitantes, exibiu um destaque considerável nos resultados, como também os Caminhos de Peabiru, apontando para o trabalho realizado pelo município de vincular os cidadãos à imagem da rota indígena.

### Considerações finais

O Obelisco é um monumento que, nutrido da intencionalidade de seus criadores, exprime os valores do passado, além de objetivar transmitir a imagem do corpo social para a posteridade. Com sua construção, o espaço em que está inserido se modifica, podendo formar ou reforçar a identidade de Peabiru e de seus habitantes. No entanto, seus valores e significados não são fixos, estáticos, mas se transformam no decorrer do tempo, de acordo com as relações sociais presentes. Isso só é possível porque o indivíduo está inserido na memória coletiva, que concede estrutura à memória individual, que passa a compreender as novas interpretações que o monumento transmite. É provável

que um habitante de fora do município não capte seus valores de início, mas, conforme participe da sociedade, passe a perceber o objeto como símbolo de Peabiru.

Quando interrogamos os munícipes sobre as origens do Obelisco, nos confrontamos com um relato que o relaciona à maçonaria. Em sua narrativa oficial, o monumento se relaciona com uma demonstração do poder administrativo, que emprega o objeto para perpetuar seus nomes para as gerações futuras; construir algo de tamanha imponência – quase 10 metros de altura – na época só era possível por aqueles que detinham real poder. No decorrer dos anos, a presença do monumento criou vínculo com a sociedade, participando de momentos que marcaram a história do município, como a Copa de 1970, que era assistida na praça. Essa ligação pode não ser evidente, mas quando há um atentado contra o Obelisco, como quando o pintaram de verde, se evidencia uma comoção entre os habitantes. Durante essas seis décadas, não há relatos de que o nosso objeto de estudo tenha sido pichado ou sofrido qualquer ato de vandalismo.

Para os habitantes nascidos antes da década de 1980, o Obelisco é um símbolo da identidade do peabiruense. No entanto, por meio dos questionários aplicados a alunos do Ensino Médio do município, constata-se que a nova geração vincula o monumento a Peabiru, mas não à sua própria imagem individual, talvez devido à idade dos jovens, que não participaram dos acontecimentos relacionados ao objeto que, de alguma forma, foram marcantes para os munícipes e continuam presentes na memória dos moradores mais velhos. A falta do conhecimento histórico sobre o monumento, demonstrado nas respostas, dificulta a associação entre algo aparentemente sem sentido, como o Obelisco, e suas vivências.

Por fim, com esses dados, percebemos a necessidade de problematizar e reelaborar a história de Peabiru, fazendo uso das fontes orais que ainda estão disponíveis. No entanto, é preciso ter em mente que, ao mesmo tempo que perpetua o poder de determinado indivíduo ou grupo, o monumento exclui outros que também contribuíram para o município e para a própria construção do objeto, dando destaque somente aos pioneiros e figuras políticas, em detrimento do restante da população. Portanto, ao reescrever os acontecimentos peabiruenses, problematizar tal questão é essencial para que a história do município não se torne elitista e excludente. Conhecer os monumentos, de maneira que englobe a participação de toda a sociedade e não apenas determinados sujeitos, significa conhecer a si mesmo e os valores do corpo social em que se está

inserido. Assim, é preciso manifestar às novas gerações a importância da história de Peabiru, expressa em seus patrimônios culturais, e relacioná-la às suas vivências, para que os jovens compreendam a relevância destes e por eles se sintam representados, não apenas como indivíduos, mas como cidadãos peabiruenses.

### Referências

- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, 2016. Disponível em: <<http://bit.ly/35E8xPJ>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Unesp, 2006.
- CORRÊA, Roberto Lobato. Monumento, política e espaço. **Scripta Nova**, Barcelona, v. 9, n. 183, dez. 2005.
- CUNHA, Magali do Nascimento; RAMIRO, Marcelo Moreira. Mídia cristã e ditadura civil-militar no Brasil: memória dos silenciamentos no Jornal Expositor Cristão da Igreja Metodista. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 3-23, jan-abr. 2018.
- IPHAN. **Carta de Atenas**. Publicado em: 21 maio. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2S8ZAdy>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- \_\_\_\_\_. **Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Publicado em: 17 fev. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2PE0CMO>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. **La topografía legendaria de los evangelios em Tierra Santa: estúdios de memoria colectiva**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas; Agencia Estatal Boletín Oficial del Estado, 2014.
- IBGE. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <<http://bit.ly/38SIqq1>>. Acesso em: 30 out. 2018.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Unicamp, 2006.
- MARTINS, Ana Luiza. Uma construção permanente. In: PINSK, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Martins Fontes, 2018, p. 281-308.
- NAGABE, Fabiane. Patrimônio cultural e identidades: reflexões e desafios. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André (Orgs.). **Educação, identidade e patrimônio**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, Editora Fecilcam, 2012, p. 147-161.
- OLIVEIRA, Eduardo Romero de. Usos sociais do patrimônio cultural. In: MEZZOMO, Frank Antonio; PÁTARO, Cristina Satiê; HAHN, Fábio André (Orgs.). **Educação, identidade e patrimônio**. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, Editora Fecilcam, 2012, p. 101-127.
- POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

RAMOS, Eloísa Helena Capovilla da Luz. As cidades e seus monumentos: um estudo sobre a imigração italiana em Buenos Aires e Caxias do Sul 1910 – 1954 – 2016. **Almanack**, Guarulhos, n. 17, p. 224-227, dez. 2017.

RIVERA, Paulo Barrera. **Tradição, transmissão e emoção religiosa**: sociologia do protestantismo na América Latina. São Paulo: Olho d'água, 2010.

SANTOS, Denise Aparecida Peron dos et al. **Conhecer e viver Peabiru**. Curitiba: Imprensa oficial do Paraná, 2002.

SAUER, Sid. **Pintura de obelisco gera polêmica entre prefeitura e vereadores**. Folha de Londrina. Publicado em: 19 jun. 2003. Disponível em: <<http://bit.ly/2ZcD4Sw>>. Acesso em: 30 out. 2018.

\_\_\_\_\_. **Ta falado**. Bocasanta. Disponível em: <<http://bit.ly/34DHWRq>>. Acesso em: 30 out. 2018.

SEXUGI, Fábio. **Minha terra tem palmeiras... e quem duvida, que dê uma voltinha pelo centro de Peabiru**. Publicado em: 05 jul 2008. Disponível em: <<http://bit.ly/2s2uiu6>>. Acesso em: 30 out. 2018.

SILVA, Giuslane Francisca da. A memória coletiva. **Aedos**, Porto Alegre, v. 8, n. 18, p. 247-253, ago. 2016.

TRIBUNA DO INTERIOR. **Obelisco registra a história de Peabiru**. Tribuna do Interior. Publicado em: 26 set. 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2EA6BMh>>. Acesso em: 09 out. 2018.

### Entrevistas

BASSI, Edio. **Entrevista 3**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (14:39 min.).

BASSI, Luiz. **Entrevista 4**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (46:20 min.).

COSTA, Manuel Duque da. **Entrevista 6**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (07:54 min.).

FERREIRA, Espedito. **Entrevista 5**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (70:02 min.).

PIMENTEL, Maria de Lourdes Bassi Alves; PIMENTEL, Marcio. **Entrevista 2**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (19:52 min.).

ROCHA, Arléto. **Entrevista 1**. [ago. 2018]. Entrevistadores: ANJOS, Brandon Lopes dos; FERREIRA, Caio Gabriel Nogueira. Peabiru, 2018. 1 arquivo .mp3 (12:41 min.).

SANTOS JUNIOR, Jair Elias. **Entrevista 7**. [set. 2018]. ANJOS, Brandon Lopes dos; NASCIMENTO, Lara Pazinato. Campo Mourão, 2018. 1 arquivo .mp3 (09:21 min.).

Recebido em: 31 de julho de 2019.

Aprovado em: 11 de dezembro de 2019.